Letras

Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras
Universidade Federal de Santa Maria

n. 74

Letras, v. 35, n. 74, e95624, 2026 - DOI:10.5902/2176148595624 - ISSN 2176-1485
Submissão: 06/03/2026 Aprovação: 12/08/2026 Publicação: 04/11/2026

Artigos

Perspectivas críticas para os estudos dos Quadrinhos

Uma leitura bakhtiniana da Literatura Surda Brasileira em quadrinhos

A Bakhtinian Reading of Brazilian Deaf Literature in Comics

Francyllayans Karla da Silva Fernandes [I*]
Edneia de Oliveira Alves [I]

Resumo: Este artigo analisa a obra *Três Patetas Surdos* (2015), do cartunista surdo Lucas Ramon Alves, com o objetivo de discutir a presença da subjetividade surda e dos conteúdos ideológicos expressos na narrativa. O estudo fundamenta-se na teoria dialógica do Círculo de Bakhtin (2011) e nos Estudos Surdos de orientação socioantropológica. Investigam-se os sentidos produzidos pelas categorias de autoria e cronotopia, materializadas na articulação verbo-visual dos quadrinhos. Argumenta-se que as produções de autores surdos deslocam a centralidade da língua portuguesa escrita, uma vez que a visualidade e a gestualidade passam a desempenhar papel estruturante na construção dos enunciados. Conclui-se que os quadrinhos da Literatura Surda Brasileira constituem uma prática estética de expressão da subjetividade surda.

Palavras-chave: Estudos de quadrinhos; Estudos surdos; Verbo-visualidade; Subjetividade; Bakhtin

Abstract: This article analyzes the comic *Three Deaf Stooges* (2015), by Deaf cartoonist Lucas Ramon Alves, aiming to discuss the presence of Deaf subjectivity and the ideological meanings expressed in the narrative. The study is grounded in the dialogic theory of the Bakhtin Circle (2011) and in Deaf Studies from a socio-anthropological perspective. It investigates the meanings produced through the categories of authorship and chronotope as materialized in the verbo-visual articulation of the comics. It argues that comics produced by Deaf authors shift the centrality of written Portuguese, as visuality and gesturality become structuring elements in the construction of utterances. It concludes that Brazilian Deaf comic book literature constitutes an aesthetic practice that expresses Deaf subjectivity.

Keywords: Comics studies; Deaf studies; Verbo-visuality; Subjectivity; Bakhtin

INTRODUÇÃO

A consolidação dos Estudos Surdos sob a perspectiva socioantropológica deslocou a compreensão da surdez do campo clínico-terapêutico para o campo da diferença linguística e cultural (Skliar, 2015; Perlin, 2015). Nesse quadro teórico, os sujeitos surdos são compreendidos como pertencentes a uma comunidade linguística minoritária que organiza sua experiência de mundo por meio de uma língua visuo-espacial. Conforme Peluso e Lodi (2015), a visualidade

[I] Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, Brasil
[*] Autor correspondente – francyllayans@gmail.com

Artigo publicado por Letras sob uma licença CC BY-NC 4.0.

não é consequência da ausência auditiva, mas dimensão constitutiva da subjetividade e da organização discursiva dos sujeitos surdos. Nessa direção, compreender a surdez implica reconhecê-la como diferença linguística e cultural, pois, como afirma Skliar (2015, p. 45), "compreender a surdez como diferença significa reconhecer politicamente essa diferença".

Se a língua ocupa papel fundante na constituição do sujeito, como afirmam Volóchinov (2018), ao sustentarem que todo signo é ideológico e nasce nas relações sociais, então a língua de sinais, enquanto materialidade visuo-espacial, também constitui uma forma específica de produção de sentido, de organização do mundo e de elaboração da subjetividade. A partir dessa compreensão, a Literatura Surda Brasileira emerge como espaço privilegiado de manifestação cultural e identitária, pois, como argumenta Karnopp (2010), é por meio das produções literárias que grupos minoritários recuperam histórias silenciadas e afirmam sua diferença.

A partir dessa compreensão, a Literatura Surda Brasileira emerge como espaço privilegiado de manifestação cultural e identitária, pois, como argumenta Karnopp (2010), é por meio das produções literárias que grupos minoritários recuperam histórias silenciadas e afirmam sua diferença. Nesse sentido, a cultura surda constitui-se nas relações sociais e nas experiências compartilhadas pelos sujeitos, uma vez que "a cultura não vem pronta, daí porque ela sempre se modifica e se atualiza" (Strobel, 2008, p. 20).

No âmbito da presente pesquisa, recorte de uma tese de doutorado, parte-se do pressuposto, já desenvolvido na tese de Fernandes (2024), de que a subjetividade surda constitui-se dialógica e ideologicamente nas relações sociais e pode ser materializada na Literatura Surda Brasileira.

Assim sendo, a obra *Três Patetas Surdos* (2015), produzida pelo cartunista surdo Lucas Ramon Alves, assume a forma de narrativa em quadrinhos e introduz um tensionamento teórico relevante para o campo dos Estudos de Quadrinhos e dos Estudos Surdos. Nesse contexto, coloca-se a seguinte questão de pesquisa: de que modo a articulação entre imagem, Libras e Língua Portuguesa escrita, na construção verbo-visual da narrativa, revela aspectos da subjetividade surda e dos conteúdos ideológicos que atravessam a experiência social dos sujeitos surdos?

Os Estudos de Quadrinhos, historicamente, definem o meio como sistema narrativo composto pela articulação sequencial de imagens e linguagem verbal (Cagnin, 1975; Eisner, 2010; Groensteen, 2004; Ramos, 2010). Ainda que reconheçam a centralidade da visualidade, essas abordagens frequentemente partem da escrita alfabética como matriz organizadora do verbal. Contudo, quando o verbal é atravessado por uma língua visuo-espacial como a Libras, essa matriz é deslocada, pois o sinal passa a ocupar lugar de signo linguístico.

Diante desse cenário, o objetivo geral do estudo realizado foi discutir a presença da subjetividade surda e dos conteúdos ideológicos expressos na obra *Três Patetas*

Surdos (2015), do cartunista surdo Lucas Ramon Alves, compreendendo-a como manifestação estética no campo dos Estudos de Quadrinhos.

Como objetivos específicos, tivemos: (1) analisar como as categorias bakhtinianas de autoria e cronotopia se configuram na articulação entre Libras, imagem e Língua Portuguesa escrita; (2) refletir sobre as contribuições da Literatura Surda Brasileira em quadrinhos para a ampliação das perspectivas teórico-críticas dos Estudos de Quadrinhos.

A justificativa deste trabalho inscreve-se em duas dimensões complementares. No âmbito dos Estudos Surdos, ainda são escassas as investigações que analisam produções literárias em quadrinhos como espaço de constituição da subjetividade e de afirmação identitária. No campo dos Estudos de Quadrinhos, por sua vez, a presença de línguas visuo-espaciais tensionadas a partir da definição de verbo-visualidade (Brait, 2009). A análise aqui proposta busca contribuir para ambos os campos, ao evidenciar que a visualidade, quando constitutiva da experiência linguística, não pode ser compreendida apenas como recurso composicional, mas como fundamento epistemológico.

Do ponto de vista metodológico, trata-se de pesquisa qualitativa, de natureza interpretativa, fundamentada na análise de sentido dos enunciados, conforme perspectiva do Círculo de Bakhtin (Bakhtin, 2011; Volóchinov, 2018). O corpus foi constituído pela obra *Três Patetas Surdos* (2015), selecionada por se tratar de uma obra em quadrinhos, apresentar narrativas centradas no cotidiano da comunidade surda, com presença simultânea de Libras e Língua Portuguesa escrita. A análise foi realizada por meio de leituras sucessivas da obra, identificando nos enunciados verbo-visuais as marcas de autoria e cronotopia, categorias já mobilizadas na tese de Fernandes (2024) e aqui retomadas com foco específico na articulação entre Estudos Surdos e Estudos de Quadrinhos.

Nessa perspectiva, a linguagem é compreendida como prática social atravessada por valores e posições ideológicas. Conforme afirma Stella (2005, p. 178) “a palavra dita, expressa, enunciada, constitui-se como produto ideológico, resultado de um processo de interação na realidade viva”.

Ao deslocar o eixo da análise para a intersecção entre subjetividade surda e forma verbo-visual, este artigo propõe que a produção de quadrinhos por autores surdos não apenas representa experiências identitárias, mas reconfigura a compreensão da linguagem dos quadrinhos, ampliando os estudos sobre verbo-visualidade.

VERBO-VISUALIDADE, LINGUAGEM DOS QUADRINHOS E VISUALIDADE SURDA

A noção de verbo-visualidade, tal como mobilizada nos estudos do Círculo de Bakhtin e desenvolvida por Brait (2009; 2013) e Stella e Brait (2021), desloca a compreensão de texto como soma de códigos para a ideia de unidade enunciativa na qual verbal e não verbal constituem-

se enquanto uma unidade. Nessa perspectiva, não há hierarquia entre palavra e imagem, mas uma coautoria semiótica na produção de sentidos. Como afirma Brait (2009, p. 143), trata-se de textos "em que a verbo-visualidade se apresenta como constitutiva, impossibilitando o tratamento excludente do verbal ou do visual".

Ainda nessa direção, Brait (2013) destaca que tanto a linguagem verbal quanto a visual desempenha papel constitutivo na produção de sentidos, de modo que não podem ser analisadas separadamente sem comprometer a compreensão do enunciado em sua totalidade.

Nos Estudos de Quadrinhos, embora a articulação entre imagem e palavra seja reconhecida como constitutiva do meio, a tradição teórica frequentemente parte de uma concepção em que o verbal corresponde à escrita alfabética. Cagnin (1975) descreve os quadrinhos como linguagem composta por dois códigos gráficos que é o icônico e o linguístico, cuja interação gera significação. Groensteen (2004) avança ao propor que o sentido nos quadrinhos emerge da "rede solidária" que articula os quadros na página, enfatizando a espacialização da narrativa. Eisner (2010), por sua vez, define os quadrinhos como "arte sequencial", ressaltando a dimensão visual da organização narrativa.

Contudo, quando a língua que atravessa a narrativa não é apenas escrita, mas visuo-espacial, como é a língua de sinais, a própria concepção de verbalidade precisa ser tensionada. Peluso e Lodi (2015) afirmam que a língua de sinais não apenas expressa conteúdos, mas organiza a experiência do mundo a partir da visualidade. Isso significa que a língua não é um instrumento neutro de comunicação; ela é forma de existência. A visualidade, nesse caso, não é ornamento estético, isto é, um mero objeto de embelezamento, mas estrutura cognitiva e discursiva.

Não se trata apenas de representação artística, mas de elaboração discursiva de uma experiência histórica marcada por silenciamentos. Nesse sentido, estudos recentes demonstram que a literatura surda em quadrinhos constitui espaço de negociação entre múltiplas vozes sociais, evidenciando disputas ideológicas em torno da surdez (Fernandes; Alves; Xavier, 2025).

Na obra *Três Patetas Surdos* (2015), essa questão torna-se evidente na forma como a língua de sinais é representada graficamente. Diferentemente da simples inserção de palavras de língua portuguesa escritas ou ainda o sinal escrito, ainda que mediado pela materialidade bidimensional, remete à necessidade de inserção dessa língua na produção, sendo assim, a expressão facial, a orientação do tronco, o movimento das mãos e o enquadramento visual tornam-se parte do enunciado.

A *Três Patetas Surdos* (2015) é constituída por quatro narrativas independentes, o que significa que a leitura e compreensão da obra independe da leitura da narrativa anterior e/ou posterior. Para melhor compreensão da nossa percepção a Figura 1 apresenta a capa da obra.

Figura 1– Capa da obra



Fonte: Ramon (2015)

A capa da obra *Três Patetas Surdos* organiza-se a partir de uma composição verbo-visual que já antecipa aspectos centrais da narrativa. Predominam tons de azul e verde que compõem o fundo da ilustração e destacam duas versões do personagem principal da história: uma representação aparentemente infantil e outra já em fase juvenil, ambas caracterizadas pelo cabelo preto volumoso e por expressões faciais marcantes. Esses elementos visuais evidenciam a centralidade da visualidade na constituição da obra e antecipam o papel da expressão corporal e facial na construção dos sentidos ao longo da narrativa.

Ao lado dessas representações, aparece também o personagem Grootinho, figura presente na terceira narrativa que compõe o livro, reforçando a estratégia do autor de mobilizar referências externas na composição das histórias. Nesse contexto, a capa pode ser compreendida como um enunciado verbo-visual que, ao articular imagem e linguagem, introduz o leitor no universo discursivo da obra e antecipa temas e personagens que serão desenvolvidos ao longo da narrativa.

Na parte superior da capa aparece o título da obra, **"**Três Patetas Surdos", acompanhado do subtítulo "É engraçado demais", que antecipa o tom humorístico da narrativa. Na construção do título é inserido o número três em língua de sinais e a imagem de uma orelha antes do termo surdos.

Volóchinov (2018) sustenta que todo signo é ideológico porque carrega índices de valor socialmente constituídos. Se o sinal é signo linguístico, então sua representação

gráfica também participa da esfera ideológica. A forma como o sinal é desenhado ou escrito (ampliado, centralizado ou deslocado) dentro da produção em quadrinhos indica posicionamentos axiológicos. Em determinadas sequências da obra, a ênfase visual recai sobre o movimento das mãos, deslocando o foco tradicional do balão textual para o sujeito em ação. Essa reorganização espacial altera a hierarquia entre verbal e visual e, consequentemente, redefine o próprio conceito de verbo-visualidade nos quadrinhos.

A ampliação do conceito de verbo-visualidade aqui proposta não consiste apenas em reconhecer que imagem e palavra interagem, mas em compreender que, no caso da Literatura Surda Brasileira, o verbal já é visual em sua constituição linguística. Há, portanto, uma sobreposição de camadas visuais: a imagem desenhada e a língua que se realiza visualmente. Esse fenômeno exige deslocar a compreensão tradicional dos quadrinhos como articulação entre imagem e escrita para uma concepção mais complexa, em que o sinal linguístico integra o campo visual da narrativa.

Essa reconfiguração tem implicações teóricas importantes. Se, como afirma Ramos (2010), ler quadrinhos implica decodificar simultaneamente texto e imagem, no caso da obra analisada a leitura exige também compreender a espacialidade da língua de sinais dentro da obra. O leitor surdo, sinalizante, reconhece no sinal uma estrutura linguística. O leitor ouvinte, por sua vez, pode perceber o sinal como imagem expressiva, mas não necessariamente como língua. Essa diferença de leitura inscreve a obra em uma zona de heterogeneidade interpretativa que precisa ser considerada teoricamente.

Como apontam Oliveira e Torga (2019), os sentidos de um enunciado não são estáticos ou autônomos, mas se constroem em situações concretas de interação e são atravessados por diferentes vozes e contextos sociais. Esse contraste evidencia o que Volóchinov (2018) denomina signo ideológico, pois cada forma linguística carrega valores sociais sedimentados e essa diferença formal materializa posições axiológicas distintas, visto que o verbal não se reduz à escrita, ele é atravessado pela gestualidade e espacialidade. O humor, frequentemente presente na obra, nasce da expressividade corporal exagerada e da iconicidade da língua de sinais, sendo assim a língua de sinais não aparece como tradução ou adaptação, ela é a própria matéria da narrativa.

Do ponto de vista formal, a disposição dos quadrinhos, com a língua portuguesa na modalidade escrita e a língua de sinais, reforça a espacialidade da língua de sinais. Em algumas sequências, os sinais são ampliados, ocupando maior destaque na conversação. O enquadramento privilegia mãos e rosto, aproximando o leitor da dimensão performática da língua. A bidimensionalidade da página é tensionada pela tentativa de representar também os elementos corporais. Esse efeito visual confirma que a língua de sinais, mesmo mediada pelo desenho, mantém sua natureza espacial.

Assim, a Literatura Surda Brasileira em quadrinhos tensiona os Estudos de Quadrinhos ao evidenciar que a visualidade pode ser não apenas um componente formal, mas a própria base

linguística da narrativa. A verbo-visualidade, nesse contexto, deixa de ser apenas articulação entre códigos distintos e passa a ser campo de intermodalidade linguística e cultural.

AUTORIA E CRONOTOPIA: A SUBJETIVIDADE SURDA NA OBRA EM QUADRINHOS

A categoria de autoria, conforme Bakhtin (2011), não se reduz à identidade biográfica do escritor, mas refere-se à posição axiológica que organiza o todo estético. O autor-criador é aquele que confere acabamento à obra, estabelecendo relações valorativas entre os elementos que compõem o enunciado.

Na obra *Três Patetas Surdos*, a autoria manifesta-se tanto no plano temático quanto no formal. O autor surdo constrói narrativas centradas em situações cotidianas da comunidade surda, por isso essas escolhas não são neutras, elas se configuram uma tomada de posição diante das relações de poder que atravessam a experiência linguística minoritária.

Entretanto, o posicionamento axiológico não se restringe ao conteúdo. Ele se materializa na forma como a narrativa é estruturada. A presença simultânea de Libras e Língua Portuguesa escrita cria um campo de tensão entre duas modalidades linguísticas. Em algumas sequências, a Língua Portuguesa aparece como mediação institucional, em outras, a língua de sinais ocupa o centro da interação. Essa alternância evidencia a convivência, por mais que às vezes conflituosa, entre língua portuguesa e a língua de sinais.

A categoria de cronotopia permite aprofundar essa análise. Para Bakhtin (2011), a cronotopia designa a articulação indissociável entre tempo e espaço na narrativa. Na obra analisada, o cotidiano funciona como cronotopia central. O tempo da narrativa frequentemente coincide com a necessidade do ajuste comunicativo. Pausas visuais, enquadramentos que destacam expressões faciais e repetição de sinais intensificam essa experiência temporal. Do ponto de vista da cronotopia, o espaço social emerge como arena ideológica. O espaço-tempo não é neutro, ele encena relações de poder linguístico.

Na obra, a primeira narrativa apresenta elementos de cronotopo, conforme exposto na figura 2. Na sequência apresentada na Figura 2, observa-se uma interação cotidiana entre personagens surdos mediada pela língua de sinais. A organização sequencial dos quadros evidencia a dimensão temporal da comunicação, enquanto o espaço social da interação funciona como cenário de negociação linguística.

A narrativa ocorre majoritariamente entre duas versões do personagem central da obra: uma representação aparentemente infantil e outra aparentemente jovem/adulta. Nesse cenário, surge a inserção de um gorro com orelhas no personagem, elemento que pode ser compreendido a partir de diferentes camadas de sentido.

Figura 2 – Recorte da narrativa 1



Fonte: Ramon (2015)

Por um lado, conforme discutido por Fernandes (2024), sua configuração visual pode deslocar cronotopicamente o leitor para experiências vivenciadas por sujeitos surdos submetidos a processos de normalização e correção da deficiência auditiva, frequentemente associados à imposição de aparelhos auditivos e/ou implantes cocleares. Nessa perspectiva, o gorro pode ser interpretado como um signo que refrata simbolicamente discursos historicamente vinculados à correção da surdez.

Por outro lado, o gorro, associado à mochila verde e ao objeto semelhante ao personagem BMO, estabelece um diálogo com o universo da animação *Adventure Time* (Hora de Aventura), do canal Cartoon Network, remetendo ao personagem Finn e mobilizando referências oriundas da cultura pop contemporânea. Conforme Mendonça (2020, p. 34) em nota de rodapé:

> Finn foi um dos personagens que mais amadureceu na série. Para além de crescer em termos de idade, pois ele inicia a série com 10 anos e finaliza com 17 anos, Finn realiza seu percurso enfrentando questões sobre sua natureza, isto é, de onde ele veio, quem é ele enquanto indivíduo em meio a um contexto em que não há mais humanos, como ele poderia se tornar um herói, entre outras questões. Ao fim da série, Finn é certamente uma pessoa diferente de quando aparece pela primeira vez no episódio piloto.

Ao observar as características de Finn, percebe-se uma identificação com o personagem Tikinho. Há o entrelaçamento de vozes entre as duas obras de forma que o autor traz para a sua obra a experiência do contato com a série *Adventure Time*. Trazendo as características físicas e psicológicas do personagem principal da série. Essa

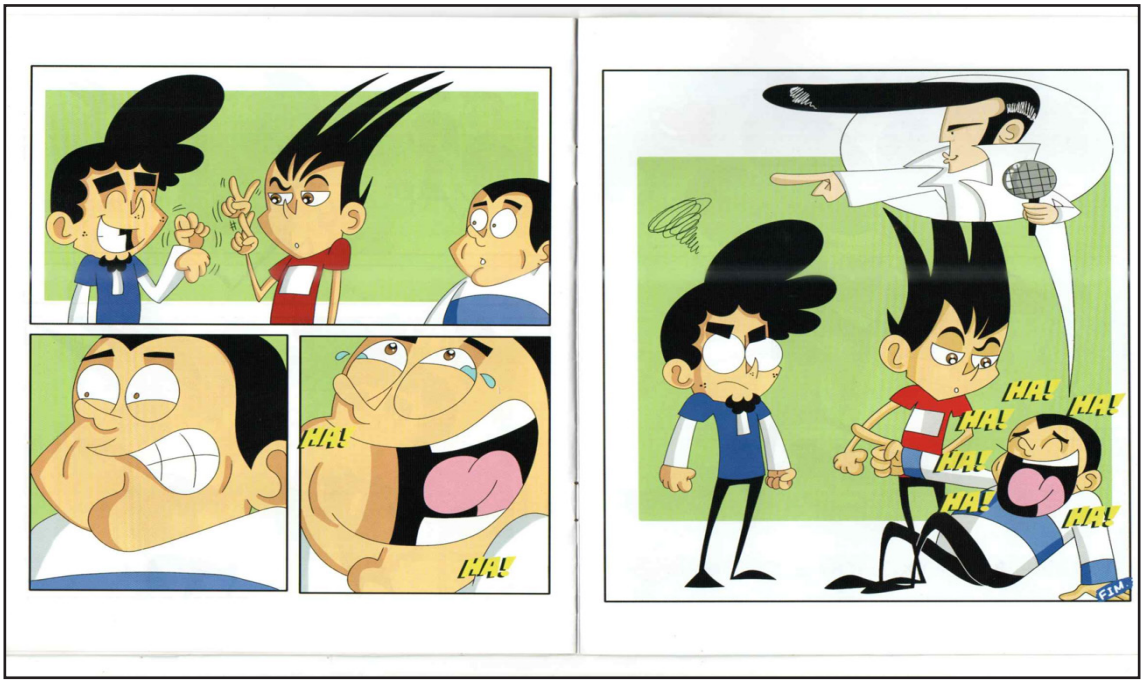
aproximação amplia as possibilidades interpretativas da narrativa, inserindo-a em uma rede de relações dialógicas que ultrapassa a temática da surdez e incorpora repertórios culturais compartilhados por diferentes grupos sociais.

Nessa perspectiva, o cronotopo do cotidiano, conforme proposto por Bakhtin (2011), configura-se como o espaço-tempo em que se materializam tensões comunicativas, identitárias e culturais experimentadas pelos sujeitos surdos. A narrativa não se limita à representação de experiências relacionadas à surdez, mas incorpora repertórios culturais que participam da constituição de formas de pertencimento e identificação da sociedade na qual está inserido.

Para Volóchinov (2018), todo signo é ideológico, reflete realidade social é condicionado pela organização social e pela interação dos indivíduos. Nessa perspectiva, o sentido não é fixo, mas se constrói no processo dialógico entre sujeitos historicamente situados. Assim, o gorro não opera como um signo de significação única; ao contrário, condensa diferentes vozes sociais que atravessam a narrativa, articulando discursos sobre a surdez, processos de normalização, experiências cotidianas e referências da cultura midiática contemporânea.

Nesse sentido, fazendo mais um recorte da obra, apresentada na figura 3, é possível identificar a interação entre personagens evidenciando a coexistência de diferentes vozes sociais no interior da narrativa.

Figura 3 – Recorte da narrativa 3



Fonte: Ramon (2015)

Inicialmente, dois personagens dialogam por meio da língua de sinais sobre o corte de cabelo do personagem Tikin. Em seguida, um terceiro personagem estabelece uma associação imagética que o leva a rir da situação. Diante dessa reação, os dois personagens que

conversavam passam a olhar para ele, sorrindo, aparentemente sem conseguir estabelecer a mesma associação e, consequentemente, sem compreender o motivo da risada.

Essa configuração narrativa evidencia um desencontro interpretativo entre os personagens, no qual cada sujeito mobiliza referências distintas para atribuir sentido à situação apresentada. Tal dinâmica materializa o que Bakhtin denomina heteroglossia, isto é, a presença simultânea de múltiplas vozes sociais e perspectivas de interpretação que coexistem e se tensionam no interior do discurso (Faraco, 2005). Nesse contexto, o humor da cena emerge justamente da coexistência dessas diferentes posições interpretativas, revelando como os sentidos se constroem de maneira situada nas interações sociais.

Nesse sentido, a heteroglossia pode ser compreendida como a coexistência de múltiplas vozes sociais no interior do discurso. Como sintetiza Faraco (2005, p. 219):

> Nesse sentido, é interessante lembrar que aquilo que Bakhtin chama de relações dialógicas não remete ao diálogo face a face (como muitos acreditam), mas à dinâmica de múltiplas inter-relações responsivas entre posições socioavaliativas. Na interação vista pelo olhar bakhtiniano, não se trocam mensagens, mas se dialogizam axiologias.

Assim, a Literatura Surda Brasileira em quadrinhos, ao formalizar experiências linguísticas de um grupo historicamente minorizado, produz saberes sobre identidade, pertencimento e cultura. Não se trata apenas de representação artística, mas de elaboração discursiva de uma experiência histórica marcada por silenciamentos, evidenciada nas tensões entre diferentes vozes sociais que atravessam a narrativa e expressam disputas ideológicas em torno da surdez (Fernandes; Alves; Xavier, 2025). A ausência de escrita em alguns quadros desloca a centralidade da leitura da modalidade da língua portuguesa.

Algumas das sequências da obra *Três Patetas Surdos (2015)* apresenta situações de interação entre personagens surdos e sujeitos ouvintes em contextos sociais. A modalidade escrita da língua portuguesa aparece como linguagem institucionalizada, associada à autoridade, enquanto o sinal aparece como linguagem do grupo minorizado.

Ao inscrever a visualidade como fundamento linguístico e ao tematizar conflitos cotidianos, o autor surdo não apenas narra histórias, ele organiza um sistema de significação que afirma a diferença como elemento valorativo. O quadrinista assume, assim, posição de autor-criador, cuja prática artística o constitui como agente axiológico.

Essa dimensão amplia o debate nos Estudos de Quadrinhos ao evidenciar que a forma narrativa não é neutra. Ela é atravessada por posições axiológicas e por disputas simbólicas. Quando a visualidade é condição existencial e linguística, a narrativa gráfico-verbal adquire novas configurações e desafia categorias estabelecidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A problemática que orientou este estudo consistiu em compreender de que maneira a Literatura Surda Brasileira em quadrinhos, produzida por autor surdo, expressa marcas de subjetividade e conteúdos ideológicos que emergem das relações sociais mediadas pela língua de sinais, ao mesmo tempo em que tensiona concepções teórico-críticas da linguagem dos quadrinhos.

A análise da obra *Três Patetas Surdos* permitiu demonstrar que a subjetividade surda não se apresenta como dado essencial ou individual, mas como construção dialógica que se materializa na forma verbo-visual da narrativa. As categorias bakhtinianas de autoria e cronotopia revelaram-se produtivas para evidenciar como a experiência linguística minoritária é organizada esteticamente e atravessada por valores sociais.

Analisar a configuração das categorias bakhtinianas na articulação entre Libras, imagem e escrita da língua portuguesa mostrou que a autoria se manifesta como posição axiológica interna à comunidade surda e que a cronotopia do cotidiano dramatiza tensões linguísticas.

Refletir sobre as contribuições da Literatura Surda Brasileira para os Estudos de Quadrinhos evidenciou que a presença de uma língua visuo-espacial tensiona a concepção tradicional de verbo-visualidade. Quando o verbal é também visual em sua constituição linguística, a articulação entre palavra e imagem assume nova complexidade. A visualidade deixa de ser apenas recurso composicional e passa a ser fundamento epistemológico.

Desse modo, responde-se à problemática inicial ao afirmar que a Literatura Surda Brasileira em quadrinhos não apenas representa a experiência surda, mas reconfigura teoricamente a compreensão da linguagem dos quadrinhos. Ao deslocar o eixo da escrita da língua portuguesa para a visualidade como princípio constitutivo do sentido, a obra analisada amplia o campo dos Estudos de Quadrinhos.

Desse modo, a presença da língua de sinais no interior da narrativa verbo-visual evidencia que a linguagem é atravessada por disputas ideológicas e por diferentes posições sociais. Como observa Grillo (2012), os enunciados verbo-visuais também participam da dinâmica dialógica da linguagem e podem materializar diferentes vozes sociais.

Conclui-se, portanto, que a produção de quadrinhos por autores surdos constitui simultaneamente prática estética, gesto político, forma de produção de conhecimento e, sobretudo, forma de expressão da subjetividade de um grupo cuja diferença linguística e cultural se constitui em contextos historicamente marcados pela hegemonia ouvinte. A análise da obra evidencia que a subjetividade surda se materializa na forma verbo-visual da narrativa, revelando tensões ideológicas relacionadas à experiência linguística e cultural dos sujeitos surdos.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 4a ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BRAIT, Beth. **Bakhtin: dialogismo e construção do sentido**. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

BRAIT, Beth. Olhar e ler: verbo-visualidade em perspectiva dialógica. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 43-65, 2013.

CAGNIN, Antônio Luiz. **Os quadrinhos**. São Paulo: Ática, 1975.

EISNER, Will. **Quadrinhos e arte sequencial**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FARACO, Carlos Alberto. Interação e linguagem: balanço e perspectivas. **Calidoscópio**, v. 3, n. 3, p. 214-221, set./dez. 2005. Disponível em: https://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/6244. Acesso em: 10 jan. 2026.

FERNANDES, Francyllayans Karla da Silva. **SUBJETIVIDADE SURDA NA LITERATURA SURDA BRASILEIRA**: uma análise bakhtiniana da obra três patetas surdos. 2024. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2024.

FERNANDES, Francyllayans Karla da Silva; ALVES, Edneia de Oliveira; XAVIER, Manassés Morais. As marcas da heteroglossia na literatura surda em quadrinhos: uma análise da obra Três Patetas Surdos. **Revista Saberes Interdisciplinares de Filosofia e Educação**, v. 25, n. 2, 2025. Disponível em: https://periodicos. ufrn. br/ saberes/article/view/ 42314/21754. Acesso em: 12 jan 2026.

GRILLO, Sheila Vieira de Camargo. Fundamentos bakhtinianos para a análise de enunciados verbo-visuais. **Filologia e Linguística Portuguesa**, *[S. l.]*, v. 14, n. 2, p. 235–246, 2012. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/flp/article/view/59912. Acesso em: 26 fev. 2025.

GROENSTEEN, Thierry. **História em quadrinhos:** essa desconhecida arte popular. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2004.

KARNOPP, Lodenir. **Literatura Surda**. Curso de Licenciatura e Bacharelado em Letras- Libras na Modalidade a Distância. Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.

MENDONÇA, Janiclei Aparecida. **A NARRATIVA MULTIDIMENSIONAL:** uma proposta de atualização e ruptura estrutural de séries de animação a partir de Hora de Aventura. 2020. 268 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Linguagens) — Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2020.

OLIVEIRA. Agildo Santos Silva de; TORGA. Vânia Lúcia Meneses. Concepções que dialogam além do círculo: linguagem, interação, enunciado concreto, gêneros discursivos. **Polifonia**, *[S. l.]*, v. 26, n. 41, p. 27–45, 2019. Disponível em: https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/6224. Acesso em: 2 abr. 2026.

PELUSO, Leonardo; LODI, Ana Claudia Balieiro. La experiencia visual de los sordos. Consideraciones políticas, lingüísticas y epistemológicas. **Pro-Posições**, Campinas, SP, v. 26, n. 3, p. 59–81, 2015. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8642372. Acesso em: 27 jan. 2026.

PERLIN, Gladis Teresinha Taschetto. Identidades surdas. *In*: SKLIAR, Carlos (org). **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 2015.

RAMON, Lucas Alves de Lima. **Os Três Patetas Surdos**. 2015. Ilustrações. Disponível em: https://culturasurda.net/2016/03/28/tiki-nho-lucas-ramon/. Acesso em: 11 jan. 2026.

RAMOS, Paulo. **A leitura dos quadrinhos**. São Paulo: Contexto, 2010.

SKLIAR, Carlos (org.). **A surdez:** um olhar sobre as diferenças. 7a ed. Porto Alegre: Mediação, 2015.

STELLA, Paulo Rogério. Palavra. *In*: BRAIT, Beth. **Bakhtin:** conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2005. p. 177-190.

STELLA, Paulo Rogério; BRAIT, Beth. Tensão e produção de sentidos em Bakhtin e o Círculo. **Linguagem em (Dis)curso** – LemD, Tubarão, SC, v. 21, n. 1, p. 151-169, jan./abr. 2021.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

VOLÓCHINOV, Valentin Nikoláievitch. **Marxismo e filosofia da Linguagem:** Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 2a ed. São Paulo: Editora 34, 2028.

Sobre o autor:

Francyllayans Karla da Silva Fernandes

Licenciatura em Pedagogia (UEPB, 2012), LetrasLibras (UFPB, 2017) e Bacharelado em Psicologia (UNIPÊ, 2019). Especialista em Supervisão e Orientação Educacional, Libras, Ciência da Linguagem, Libras com Ênfase em Docência, Ensino do Português como Segunda Língua para Surdos e Terapia Cognitivo-Comportamental. Mestra em Educação (PPGE/UFPB), Doutora em Letras (UFPB) e Doutoranda em Educação Especial (UFSCar).
https://orcid.org/0000-0002-9690-464X • francyllayans@gmail.com

Edneia de Oliveira Alves

Mestre e Doutora em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba. Graduada em Licenciatura em Letras com habilitação dupla (português e inglês) pela Universidade Federal de Pernambuco.
https://orcid.org/0000-0001-6550-7177 • edneiaalvesufpb@gmail.com

Conflito de Interesse

Os autores declararam não haver conflito de interesses.

Verificação de Plágio

A revista mantém a prática de submeter todos os documentos aprovados para publicação à verificação de plágio, utilizando ferramentas específicas, como Turnitin.

Editores convidados

Maria Clara da Silva Ramos Carneiro
Lielson Zeni
Valter do Carmo Moreira

Editor - chefe

Régis Augustus Bars Closel

Como citar este artigo

FERNANDES, F. K. S.; ALVES, E. O. Uma leitura bakhtiniana da Literatura Surda Brasileira em quadrinhos. **Letras**, v. 35, n. 74, e95624, 2026. DOI: 10.5902/2316882X95624. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/95624. Acesso em: XX/XX/XXXX